

O debate sobre o problema seria interminável. Veja-se o que acrescentamos a respeito no § 51.

Didaticamente, pelo menos, julgo mais aconselhável incluir este caso entre os de sujeito indeterminado.

**Obs.** — Autores há que apontam como caso de sujeito indeterminado o que é constituído materialmente por pronomes indefinidos “que nada esclarecem quanto à identidade do agente (ou do paciente, na voz passiva)” (G. C. Melo, *NMAS*, 42.), numa aproximação natural entre os conceitos de “indeterminado” e “indefinido”, numa análise antes lógica do que sintática.

Na verdade, ao dizermos “*Alguém* bateu à porta.”, o sujeito *al-*

*quem* é determinado, embora indefinido, apesar de “nada esclarecer quanto à identidade do agente” — tão determinado e indefinido como o substantivo *desconhecido* nesta oração: “*Um desconhecido* bateu à porta.” Cf. Mattoso Camara Jr., *DFG*, s. v. *Indefinidos*.

● **Oração sem sujeito.**

**30.** Caso distinto é o das orações sem sujeito: nelas a enunciação se concentra no predicado, que não se atribui a nenhum ser; o sujeito é inexistente, e o verbo, por não estar referido a nenhuma pessoa gramatical, se diz **IMPESSOAL**. Eis os principais casos:

a) com verbos e expressões que denotam fenômenos da natureza (*amanhecer, entardecer, anoitecer, chover, fazer calor, fazer frio, estar frio, gear, nevar, relampejar, trovejar, ventar*, etc.);

b) com o verbo *haver* quando significa “existir”:

“*Há* uma gota de sangue em cada poema.” (Mário de Andrade);

**Obs.** — Embora a muitos pareça pacífico este caso, muito se tem debatido a respeito, e autores há, de renome, que julgam pessoal a construção existencial com *haver*, sobretudo pela abundância de exemplos literários como o célebre “Houveram coisas terríveis.”, de Camillo Castello Branco.

Mattoso Camara Jr. (*DFG*, s. v. *Impessoalidade*), entretanto, com a sua autoridade, explica a gênese desta construção sem sujeito pela transformação de um primitivo sujeito (que desaparece) em adjunto adverbial de lugar, em frases do tipo:

“*A Africa* ha (= tem) leões.”

ABJ. ADV. DE LUGAR

“*Na Africa* ha leões.”

(E, na linguagem popular, especialmente a do Brasil, “*Na Africa tem leões*.”)

É indispensável a leitura do longo artigo de VALENTIN GARCIA YERBA publicado na *Revista de Filologia Espanola*, tomo LXIII, Madrid, 1983, p. 33-71: “?Complemento directo o sujeito con las formas impersonales de *haber*?”

O argumento mais forte em favor da impessoalidade é sem dúvida o fato da exclusividade da ocorrência da forma *o* (e flexões) do pronome pessoal de 3.<sup>a</sup> pessoa, própria do objeto directo:

“*Há* moços japonesas. Quando *as* houver chinesas, chegou o fim do mundo.” (M. de Assis, *Sem*, 9.);

— E de cravos, como vamos?

c) com o verbo *ser*, na designação de tempo em geral:

“E cedo.” — “São duas horas.” — “Era de madrugada.”;

d) com os verbos *andar, fazer, haver, ir*, na indicação de tempo decorrido:

“*Andava* por um mês que Dagoberto se achava no Bondô.” (J. A. de Almeida, *Bag*, 116.) [Poderia dizer-se também “*Fazia* um mês”, “*Havia* um mês”, “*ia* para um mês”];

“*Fazia* um tempo que não me dava sinal de vida.” (J. A. de Almeida, *Bag*, 35.);

e) em certas orações de conjugação pronominal impersonal (§ 51):

“*Traia-se* de uma estranha confusão etimológica.” (C. de Laet, *Crôn. Lit.*, in *Rev. Brasileira*, 1879, t. I, 217.)

Aqui se tem em mente apenas o predicado, não se atribuindo o processo verbal a nenhum ser.